



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **VOLTA E ALGUMAS QUESTÕES RACIAIS PARA A FOTOGRAFIA NO PARÁ**

Ramon Reis  
UFPA  
Cláudia Leão  
UFPA

### **1. Introdução**

Aos poucos pequenos rostos se formam no filme expelido pela câmera. São rostos negros. Entre 2016 e 2018, atuei como professor de Arte em escolas públicas de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó. Nesse período iniciei uma série de retratos fotográficos de minhas alunas e alunos que mais tarde decidiria chamar de *Volta*. Ao ver as imagens, pensei na singularidade daquele momento em que um sujeito negro fotografava sujeitos negros. Imerso nessas experiências, teci alguns pensamentos sobre a Fotografia.

Este breve ensaio expõe algumas dessas reflexões que buscam situar a Fotografia realizada no Pará no debate racial, estabelecendo diálogo com pensadoras como a filósofa brasileira Djamila Ribeiro, com a artista portuguesa Grada Kilomba e com o filósofo camaronês Achille Mbembe. Estes escritos fazem parte de um projeto de pesquisa independente que venho conduzindo no campo da Teoria da Arte e que está em conexão com a pesquisa que atualmente desenvolvo no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A discussão se localiza e reforça um movimento de artistas afro-descendentes e indígenas que vem, nacionalmente e internacionalmente, buscando desestabilizar a matriz artística ocidental europeia através de seus trabalhos. Se faz relevante ao propor algumas perspectivas raciais para pensar a trajetória e o papel da técnica da fotografia trazendo problematizações que possam desvelar situações de silenciamento impostas a sujeitos racializados nas Artes Visuais da região. É urgente configurar vias conceituais que formem outras bases estéticas interpretativas para a fotografia. Assim, buscamos caminhos éticos, mais equitativos, de produção, interpretação e circulação de Arte, oferecendo espaço e escuta à vozes historicamente obliteradas pela sociedade racista brasileira.

Em um sentido mais amplo, o trabalho objetiva contribuir com meios de elucidar o racismo estrutural presente nas Artes Visuais, e, mais especificamente, objetiva meditar sobre relações raciais pertinentes ao campo da fotografia localizado no Pará. Para tanto, o texto forma perguntas ao passo que articula conceitos e noções sobre Fala.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Observe-se que não pretende-se tratar do processo de criação da série *Volta*, mas sim expor pensamentos sobre o ato fotográfico surgidos em meio a ele.



Figura 1. Ana Carolina, da série *Volta*, 2019.

## **2. Metodologia**

Para estabelecer a discussão articula-se a prática narrativa biográfica como presente nos escritos de Conceição Evaristo, isto é, um procedimento em que sujeitos parte de grupos oprimidos utilizam de vivências pessoais para encontrar nelas experiências comuns, neste caso, sujeitos racializados. Para impulsionar a discussão, o trabalho encontra interlocução em observações de Rosana Paulino, parte da noção de Fala tal como discutida por Grada Kilomba (2008), do conceito de Lugar de Fala como abordado por Djamila Ribeiro (2017) e da ideia de Raça nos pensamentos de Achille Mbembe (2014).

## **3. Resultados e Discussão**

Ao fim do longo período no arquipélago marajoara, volto para casa e disponho sobre a cama todos os pequenos retratos produzidos, vendo o conjunto de imagens há uma sensação que me envolve. Pensando sobre Tempo e posições, minha posição como professor, artista negro e a posição dessas crianças negras nas imagens. Algo que talvez os registros históricos expliquem: não é comum em minha região pessoas racializadas serem representadas por pessoas racializadas. Por quê?

Em uma aula intitulada Arte, Ação e Pensamentos Anticoloniais, realizada no Museu de



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Arte do Rio (MAR), a artista Rosana Paulino<sup>1</sup> demonstra que a representação de pessoas pelas Artes Visuais se ajusta conforme interesses geo-políticos. Ora, a Amazônia é uma região envolvida em tensas disputas de poder político forjadas pela colonização portuguesa, firmadas pela escravização africana, indígena e pelo avanço do capitalismo. Assim como Paulino, creio que esses episódios não podem ser dissociados do campo do simbólico, tiveram e tem impacto sobre a cultura e a arte.

Nesse cenário, proponho um diálogo entre a noção de Fala e a de Fotografia. Se ideia de Lugar de Fala como aponta Djamilia Ribeiro (2017) explica que nossos discursos são marcados pela posição que ocupamos na sociedade, se indivíduos brancos têm ocupado espaços de poder no mundo do conhecimento como evidencia Grada Kilomba (2008), se as Artes Visuais são um campo de conhecimento artístico, e a Fotografia, uma técnica originada no seio das elites, um meio de se falar visualmente e, ainda, se o Pará é um estado permeado por desigualdades econômicas, este texto propõe como questão central: quem tem a primazia da fala na fotografia paraense?

O Pará é reconhecido por sua produção fotográfica. A intensa cena local é estimulada por um conjunto de ações e organizações. Muito tem sido estudado e veiculado sobre as imagens produzidas em nossas terras. Mas aqui, gostaria de me reportar a um episódio do passado e comentar seu contexto, em meados do século XIX, o fotógrafo português Felipe Augusto Fidanza (1847-1903) chegou a então Província do Grão-Pará, acompanhando a comitiva do Imperador e onde permaneceu para documentar especialmente a capital paraense. Em sua trajetória profissional, Fidanza realiza muitos retratos. Mas destes, mencionarei apenas um, a imagem de uma mulher negra, descalça, usando um vestido que mostra seus ombros, carrega uma cesta e equilibra um vaso sobre a cabeça. No rodapé da imagem apenas os escritos “Fidanza” e “Pará”. E nenhuma parte da imagem é possível encontrar o nome da moça. Por que o nome dela está ausente?

O trabalho de Fidanza compõe um período da fotografia no Brasil em que diversos fotógrafos europeus atuaram no país. Este momento artístico poderia ser avaliado como um quadro de colonização através da imagem, uma vez que estas imagens eram produzidas por sujeitos que estavam no topo da hierarquia social da época e designavam visualmente pessoas que não tinham o poder de recusa ou de fala. Interferiam assim, nas subjetividades desses grupos e lançavam uma visão que os homogeneizava. A cara técnica da fotografia era produzida por figuras da elite paras elites. O sujeito racializado se encontra emudecido nos filmes. Convertidas em Carte de Visite, foram largamente comercializados na Europa e assim, em alguma medida, cristalizaram a imagem dessas pessoas no imaginário brasileiro e ocidental. Eles, os brancos, constroem o que é possível classificar como um *evento visual e racial* em que definem e objetificam os corpos negros e indígenas. Paulino afirma que o país assim é

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sww6jN3\\_yyg](https://www.youtube.com/watch?v=sww6jN3_yyg). Acesso em: 25/11/2019



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

construído visualmente de fora para dentro, porque é sedimentado sob o olhar europeu e atende uma demanda de imagens das elites, operando sob a geo-política racista colonial.

Como esses processos históricos e estéticos podem guardar alguma relação com a presente cena da fotografia paraense? O estranhamento que mencionei sentir, não seria apenas uma sensação pessoal mas diz respeito a uma experiência social coletiva. Os sujeitos dos grupos do qual faço parte, por vezes, estiveram diante das câmeras como objetos e não como sujeitos do poder, como aqueles que seguram as câmeras nas mãos, as operam e falam através dela. Suponho que em nossa sociedade de profunda desigualdade sócio-econômica, são fotógrafos brancos que tiveram seus trabalhos destacados pela historiografia da arte (escrita por brancos), que tiveram seus trabalhos preservados por instituições (certamente dirigidas por brancos), ganharam notoriedade da crítica de arte (provavelmente branca), que curadores (também brancos) organizaram respeitadas exposições em museus e galerias, provavelmente frequentados por público (majoritariamente branco), que tinha meios para acessar esses espaços. Então, pergunto: atualmente quem “ver” nesse sistema de poder? E quem é visto? Quem pode falar? Quem pode fotografar? Quem é fotografado?

Kilomba (2008) e Mbembe (2014) meditam sobre a origem do Outro no ocidente afirmando que essa seria de produção de quem detém o poder, o homem branco europeu. A fotografia no Pará, de posse de sua origem colonial, como esbocei, tem sua parcela de responsabilidade sobre a objetificação de pessoas racializadas. Logo, surgem mais perguntas: a fotografia paraense, ao longo de sua recente trajetória, teria mais rompido ou reforçado estruturas de poder coloniais fundadas pelo ato de Fidanza?

#### **4. Conclusões**

Essas são considerações iniciais para começar a pensar um conjunto de questionamentos raciais para o campo das Artes Visuais. Grupos negros e indígenas parecem estar compartilhando uma experiência em comum em relação a Fotografia, marcados por certa origem colonial na Amazônia: serem fotografados por brancos. Atribuo a esse quadro, a sensação singular que me tomou ao ocupar o espaço do fotógrafo. É preciso considerar a fotografia não simplesmente um registro da realidade, mas também como um discurso e um território de disputas sobre ela.

#### **5. Palavras-chave:** Artes Visuais, Fotografia, Negro, Negra, Amazônia

#### **6. Referências Bibliográficas**

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories**: episodes of everyday racism. Münster: Unrast, 2008.  
MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.  
RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.  
PARÁ, Secretaria de Estado de Cultura. **Fotografia Contemporânea Paraense Panorama 80/90**. Belém: SECULT, 2002.